
SER JOVEM NA CIDADE: UMA EXPERIÊNCIA MARCADA PELA INSERÇÃO SOCIAL

Carolina de Sá Pereira Martins

Graduanda em Serviço Social - UFF

krolinha_sa@hotmail.com

Mariana de Souza Monteiro

Graduanda em Serviço Social - UFF

marianadesouzamonteiro@gmail.com

Mariângela Nicolau Ângelo dos Santos

Graduanda em Serviço Social - UFF

mariangela.uff@hotmail.com

Resumo

Este trabalho discute o uso e apropriação do espaço urbano pelos jovens pobres, tendo como eixo de análise a juventude enquanto categoria sócio histórica e o conceito de território usado, proposto por Milton Santos. Serão abordadas as formas de circulação e uso da cidade por vinte jovens, na faixa etária de 17 a 22 anos, residentes nos bairros Penha e Custodópolis, no município de Campos dos Goytacazes- RJ. Estes jovens foram convidados a participar de uma conversa em pequenos grupos, em que foram abordadas temáticas referentes à condição juvenil atual, o bairro e a cidade. Os resultados demonstraram que os jovens, com perfil socioeconômico semelhante, realizam a mesma dinâmica sócio espacial.

Palavras-chave: Juventude, cidade e circulação.

Abstract

This paper discusses the use and appropriation of urban space by the poor youth, with the centers on youth as a category socio-historic and the concept of land use, proposed by Milton Santos. Will discuss the forms of movement and use of the city for twenty young people, aged 17 to 22 years, residents in neighborhoods and Penha Custodópolis in the municipality of Campos dos Goytacazes-RJ. These young people were invited to participate in a conversation in small groups on topics that were discussed regarding the current condition of youth, the neighborhood and city. The results showed that young people with similar socioeconomic profile, perform the same socio-spatial dynamics.

Keywords: Youth, city and circulation.

1. Introdução

A questão central deste estudo é a apropriação da cidade pelos jovens a partir das suas experiências cotidianas nos diferentes espaços, considerando o direito à cidade.

Os jovens inseridos em processos sociais complexos experimentam a juventude de acordo com os espaços, tempos e contextos em que vivem. A condição de juventude é vivenciada de diferentes modos, em função das diferenças sociais e de parâmetros como o dinheiro, educação, trabalho, lugar de moradia, tempo livre, entre outros. Desse modo as múltiplas formas de inserção dos jovens a partir de suas origens e posição de classe são determinantes para que se saiba de que jovem se está falando. Para Cassab (2001), a referência aos jovens como sujeitos sociais, existentes em uma classe social, alude em reconhecer que os mesmos são marcados pela historicidade, constroem-se em um universo de cultura e só podem ser pensados como seres relacionais e políticos.

Pode-se afirmar que não existe apenas um tipo de juventude, mas juventudes. Se cada juventude deve ser entendida a partir de suas experiências individuais e coletivas, definiu-se como sujeitos deste estudo, os jovens pobres, residentes em áreas periféricas no município de Campos dos Goytacazes. Assim, é abordada a apropriação da cidade por um grupo específico de jovens, que pouco experimenta os direitos dos quais são portadores, que são estigmatizados em função do seu local de moradia, que são vítimas frequentes da violência e do desemprego e que estão no trabalho informal e em trabalhos com baixa remuneração.

A opção metodológica utilizada na realização da pesquisa com dois grupos de jovens, entre 17 e 23 anos, formados por perfis econômico e cultural semelhantes, foi a aplicação de dois questionários, contendo perguntas abertas e fechadas visando identificar as formas de uso que os jovens fazem da cidade.

Esses jovens foram encontrados em seus bairros de residências. Nesses bairros os jovens foram encontrados em diversos espaços, tais como: escola, contato pessoal, através do Programa ProJovem e Associação de Moradores.

Faz-se importante ressaltar que as diferenças e semelhanças apontadas anteriormente são expressas na cidade, pois é nela que as desigualdades sociais podem ser percebidas, onde a diferença entre os moradores se dá em função do acesso ou restrição, da boa ou má qualidade dos serviços a eles prestados. Dentro desse contexto, a cidade apresenta-se como o componente central na discussão aqui travada.

Com isso, o ponto de inflexão para a análise da apropriação da cidade é o bairro, pois, esse é o primeiro lugar onde os jovens definem os itinerários cotidianos nos quais constroem as interações com a cidade.

2. Os jovens e a cidade de campos dos goytacazes

De acordo com Rolink (1989), a cidade deve ser entendida como espaço social construído, produzido e projetado. Considerando a ação humana no cotidiano da cidade, esta pode ser vista como uma espacialidade em movimento, como espaço vivido, vinculado à prática social. Mas a cidade, também é visualizada como o centro de produção e consumo que domina a cena urbana, em que há interferência do Estado na regulação das relações entre capital e trabalho.

A cidade é, então, tanto um espaço de vida – onde as práticas cotidianas dos sujeitos se desenvolvem em torno de seus locais de trabalho, moradia, lazer, etc. –, como um espaço vivido, ou seja, ilimitado, reconstruído e representado pelo sujeito no seu imaginário. Assim, a cidade é ocupada e construída de maneira desigual.

Neste sentido, para Milton Santos (1993), a rede urbana vai se apresentando de forma complexa em relação aos que podem ou não usufruir dos serviços e recursos oferecidos na cidade. Essa lógica transforma a cidade em um palco de injustiças e desigualdades em que aquele com maior poder aquisitivo tem a possibilidade de utilizar todos os recursos disponíveis na cidade, enquanto uma parte significativa da população, desprovida de recursos, a utilizam parcialmente, como se fosse uma pequena cidade (local).

2.1. A cidade de Campos dos Goytacazes

O município de Campos dos Goytacazes está localizado na região Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro. De acordo com o Censo 2010, o município possui 463.545 habitantes, sendo que 90,2% residem na área urbana e 9,8% na área rural. Apesar de Campos ter se constituído economicamente através da produção de cana-de-açúcar, a crise desse setor e o advento da extração do petróleo, contribuíram para que, ao longo do tempo, a população fosse deixando a área rural e se fixando na área urbana em busca de novos postos de trabalho.

De acordo com o Centro de Informações de Campos (CIDAC), em 2008 haviam 88.230 pessoas trabalhando com carteira assinada e um déficit habitacional de 8.980 casas.

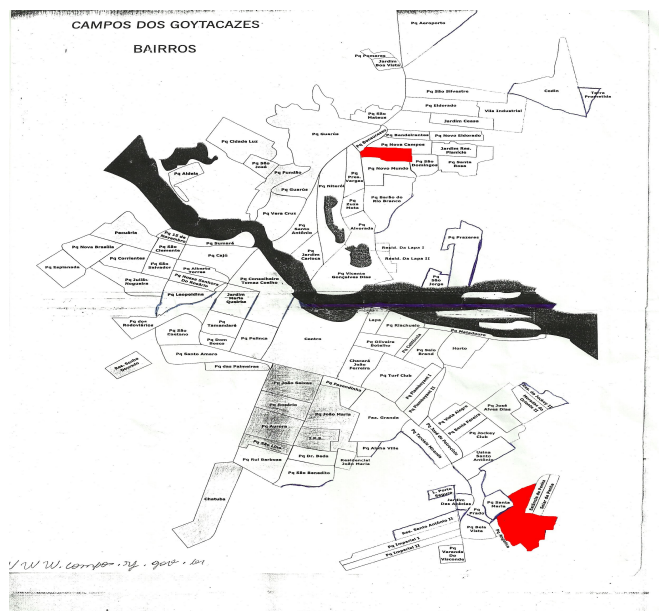
Já o Ministério de Desenvolvimento Social estimou em 2004, que 15,84% da população estavam em estado de pobreza, ou seja, tinham rendimento mensal abaixo de $\frac{1}{2}$ salário mínimo per capita.

Hoje, cerca de 23% da população da cidade são jovens com idade entre 15 e 29 anos. Toda esta população está exposta a um quadro de desemprego e subemprego que marca o mercado de trabalho de Campos. De acordo com CRUZ (2005) uma imensa parcela da força de trabalho é altamente desqualificada para as novas atividades econômicas regionais advindas da ampliação do setor petrolífero e dos grandes investimentos industriais do Porto do Açu¹. Com isso, parte significativa da força de trabalho vive de biscates e mora em favelas e loteamentos clandestinos.

Sendo assim, de acordo com Lima, Pontes e Damasceno (2011, p. 4), em Campos, aproximadamente 21.300 jovens, com idade entre 18 e 29 anos encontram-se “à margem dos setores produtivos: sem profissão, desempregados ou inseridos em subempregos, com baixa escolaridade e/ou analfabetos funcionais”. Esta situação determina a condição de pobreza de parte da população, que experimenta a privação de bens materiais e simbólicos produzidos coletivamente.

A cidade é cortada pelo rio Paraíba do Sul, o que simbolicamente a divide em duas áreas. À margem esquerda é conhecida como a grande Guarus. Região formada por vários bairros, que tiveram sua origem nas antigas fazendas de cana-de-açúcar. Guarus é reconhecida socialmente como uma área periférica, com altos índices de pobreza e violência. O que não é verdade, em função da grande heterogeneidade da região.

¹ O porto do Açu é um complexo industrial que terá um terminal portuário privativo de uso misto que está sendo instalado no município de São João da Barra (cidade próxima à Campos). A área do porto é de 7,8 mil hectares, com estrutura offshore com até 10 berços para atracação de produtos como minério de ferro, granéis sólidos e líquidos, carga geral e produtos siderúrgicos, além de um pátio logístico.



À margem direita estão os bairros mais centrais, os grandes condomínios residenciais, faculdades, serviços públicos e a maior parte do comércio.

No mapa acima, os bairros em destaque são aqueles onde residem os jovens pesquisados. A escolha por um bairro localizado a margem esquerda e outro à margem direita, foi intencional para compreender a diferenciação simbólica entre os moradores dos “dois lados”.

2.2. A cidade vista pelos jovens

De modo geral, os jovens entrevistados descreveram a cidade com lugar bom de morar, pois é rica, uma vez que recebe muitos investimentos dos royalties². Contudo é pouco desenvolvida devido à má administração desses recursos que não são utilizados de forma adequada, gerando desemprego, déficit na saúde, educação, etc. Seguem as falas para melhor compreensão:

²Royaltie é o termo utilizado para designar a importância paga ao detentor ou proprietário ou um território, recurso natural, produto, marca, patente de produto, processo de produção, ou obra original, pelos direitos de exploração, uso, distribuição ou comercialização do referido produto ou tecnologia. Os detentores ou proprietários recebem porcentagens geralmente pré-fixadas das vendas finais ou dos lucros obtidos por aquele que extrai o recurso natural ou fabrica e comercializa um produto ou tecnologia.

A cidade de Campos pode ser melhor, pois possui muito dinheiro, e não investe na cidade. (R - jovem da Penha).

Apesar de muito rica a cidade é pouco desenvolvida não tem oportunidade de bons empregos para os seus moradores. (R - jovem de Custodópolis)

Ainda neste contexto, os jovens apontaram alguns aspectos que deveriam ser mudados na cidade para que esta disponha de melhores condições de vida para seus moradores. As sugestões foram: construções de mais espaços de lazer e turismo, investimentos na saúde, educação, mais cursos gratuitos - pois a maioria é pago -, cursos também para as mulheres - visto que a maioria é para homens - e investimentos em empregos para reduzir o número de desempregados.

Nas sugestões foi possível perceber que os jovens esperam realizar o direito a cidade, através da participação nos bens públicos e simbólicos. Destaque aqui para os equipamentos de lazer e para os que possibilitem a formação e o acesso ao mercado de trabalho. Esses elementos são marcantes na fase da juventude.

Portanto é possível dizer que os jovens constroem as imagens da cidade a partir das suas experiências, fortemente marcadas pelos seus locais de moradia e acesso ou não aos equipamentos socioculturais.

3. A circulação dos jovens pela cidade

O território pode ser compreendido como espaço de exercício da vida. A noção de local implica não somente a discussão física, mas também nas relações construídas pelos homens que nele vivem, considerando-se a dimensão cultural das populações, suas particularidades, seus anseios e não somente suas necessidades.

É necessário entender que juntamente com a condição do habitar, inerente a continuidade da vida no tempo e no espaço, a locomoção é tida como garantia dessa continuidade, a partir dos deslocamentos que ultrapassam o espaço do bairro ou da vizinhança. Aqui, o que é colocado em questão é o direito de ir e vir, de circular livremente nos diferentes espaços da cidade, o direito ao espaço público, ao seu uso e apropriação e o direito aos serviços e equipamentos públicos.

3.1. A circulação pela cidade dos jovens residentes no bairro Penha.

O bairro da Penha é composto por uma rua principal, onde está localizado todo comércio do bairro como farmácias, lojas, lanchonetes e a Igreja Matriz de Nossa

Senhora da Penha. Com o passar dos tempos surgiram os novos loteamentos como Solar da Penha e a Estância da Penha e depois os outros bairros mais próximos como Parque Angélica, Parque Santa Maria e Vila Manhães.

No passado o bairro da Penha era pequeno, mas muito desenvolvido, cercado de usinas e olarias de tijolos que empregavam grande parte dos moradores. De acordo com relatos de um antigo morador, um número significativo de homens trabalhava nas fábricas e as mulheres e filhos no corte da cana e nas lavouras.

Toda família trabalhava e tinha um rendimento. O bairro fornecia emprego aos seus moradores e não era necessário sair do bairro para trabalhar. Naquele tempo havia também poucos horários de ônibus para o Centro e demais bairros, o que dificultava muito.

Foi na década de 1960 que as melhorias no bairro, como luz, água e ampliação das linhas de transporte coletivo, começaram a acontecer. Estas mudanças foram fruto de lutas sociais, travadas pela Associação de Moradores.

Havia no bairro um Centro Social criado pela Associação de Moradores com aulas de costura, seresta, e discotecas aos domingos para as crianças, mas que hoje não existem mais. Atualmente, no espaço, funciona uma creche, um posto de saúde com dentista e uma lanchonete perto do campo de futebol.

Além da creche e do Posto de Saúde, o bairro conta, hoje, com três colégios: CIEP (Centro Integrado de Educação Pública); Colégio Dr. Máximo de Azevedo e Colégio José do Patrocínio. Todos são públicos.

No que tange a apropriação da cidade, de forma geral, os jovens moradores da Penha circulam por diversos lugares. Entre estes estão os bairros Turf, Goitacazes, Centro, Esplanada, Parque Aeroporto, Parque Imperial, Horto, Jardim Carioca, Tarcísio Miranda, IPS, Parque Califórnia, Pelinca e Pecuária. Os motivos para a circulação entre esses bairros são os mais variados, como trabalho, lazer e educação. Geralmente, esses jovens frequentam esses bairros na companhia de amigos, família e até mesmo sozinho.

Vinculando a circulação às atividades realizadas no tempo livre, é possível perceber que os jovens moradores da Penha têm como atividades mais frequentes o acesso à internet, a televisão, a música, a prática de esportes, etc. Para a realização de algumas dessas atividades não é necessário sair do bairro.

Porém, alguns jovens costumam fazer uso de diversos espaços públicos, como cinemas, espaços de shows, praças, quadras de esportes e bibliotecas, com frequência. Como muito destes equipamentos se localizam em outros bairros isso possibilita uma maior circulação pela cidade. A quadra de esportes, por exemplo, citada por seis dos dez jovens não está localizada apenas na Penha, mas também no Jardim São Benedito e no Parque Imperial.

3.2. A circulação pela cidade dos jovens residentes no bairro Custodópolis.

Localizado na grande região de Guarus, situado a margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, Custodópolis é conhecido como um bairro carente, com alto índice de violência, desemprego e vasta atividade informal.

De acordo com o Diagnóstico Preliminar Cidade de Palha - PCP³, Custodópolis teve origem como um lugarejo denominado Cidade de Palha. Este nome foi devido à forma como as casas eram construídas, ou seja, de entulhos, bambus e barro, cobertos com palha. A característica era de um bairro rural e familiar. Já o nome Custodópolis surgiu em homenagem ao médico e proprietário das terras, Dr. Custódio Siqueira, que ao lotear e vende-las, ficaram conhecidas como terras de Custódio, perdendo aos pouco sua identidade rural.

As melhorias do bairro, como água, luz, atendimentos médicos e espaços para o lazer, foram conquistados através da mobilização dos moradores. Com base no DCP é possível perceber que há no bairro um baixo índice de escolaridade resultando no desemprego, ocupações informais e atividades domésticas e artesanais. Contudo, é importante sinalizar, que grande parte da população está inserida no trabalho relacionado à lavoura canavieira.

Atualmente, o bairro conta com duas escolas públicas; uma escola privada, ligada à Igreja Batista de Custodópolis; uma creche; uma praça de convivência, que não possui quadra de esportes e parquinho; Centro de Referência de Assistência Social – CRAS e um Centro de Saúde-Escola, que funciona como Unidade de Atenção Básica à Saúde. Além de vários templos referentes a diferentes denominações religiosas.

É importante ressaltar que em Custodópolis há uma variedade de estabelecimentos comerciais, sendo atribuído pelos moradores, como um grande

³ O Projeto Cidade de Palha é uma pesquisa realizada pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Cotidiano e Saúde, da faculdade de Serviço Social da UFF - Campos

ponto positivo da localidade. Outro ponto positivo é a variedade de horários de ônibus.

As vendas são tudo perto de casa. Temos supermercado, salão de beleza, farmácia, sorveteria e lojas de roupa, e outras lojas (R. e C.).

No entanto, também foram apontados alguns fatores negativos, o que pode ser comprovado com a fala a seguir:

O bairro onde mora parece uma favela, com muitas ruas esburacadas, casas quebradas colégio de marginal, as crianças que entram La saem como marginal. (J.)

Inseridos nesta condição socioeconômica os jovens de Custodópolis vivenciam sua juventude, atravessado pelas particularidades do bairro onde residem. Nos dias atuais, o endereço não é apenas um indicador de subalternidade econômica ou de diferenciação de classe social. Alguns endereços trazem embutidos a marca de áreas urbanas subjugadas pela criminalidade e negatividades, fato que pode influenciar diretamente na apropriação da cidade pelos jovens moradores desses bairros.

Ao serem interrogados sobre a circulação pela cidade, 5 jovens afirmaram ir ao centro comercial, tendo como finalidade o lazer, estudo e o trabalho. Sendo que, na maioria das vezes, circulam sozinhos ou com amigos ou ainda com marido e/ou filhos. Dessa forma, verifica-se que a circulação pela cidade tem um fim prático.

Ainda se tratando da circulação, outros bairros foram citados como locais onde esses jovens buscam lazer. Como Parque Bandeirantes, Rio Branco, Santa Rosa, Novo Mundo, Parque Prazeres, Santa Clara, Alvorada, Jardim Carioca, Sem Terra, entre outros. Compete aqui sinalizar que entre os jovens entrevistados em Custodópolis apenas um citou o bairro Pelinca, caracterizado como um local onde estão situados bares, boates, shoppings. Este dado torna-se importante, uma vez que este bairro, na maioria das vezes, é frequentado por pessoas pertencentes a classes médias e altas.

A circulação pela cidade também foi vinculada às atividades realizadas pelos jovens em seu tempo livre. Cinco dos jovens entrevistados utilizam seu tempo livre para conversar com os amigos, participar de atividades religiosas ou ouvir música.

Além dessas atividades, foram mencionadas, pela maioria dos jovens, o esporte, o estudo, a internet e a televisão, o que demonstra que a maior parte do tempo livre é utilizada dentro do próprio bairro.

Cabe aqui destacar que os jovens relataram sair de Custodópolis para realizar suas atividades religiosas, ir ao cinema, teatro. Contudo alguns jovens relataram que vão ao cinema todos os dias, enquanto outros realizam quase todas as atividades citadas anteriormente, com frequência. Isso pode indicar que o jovem quer dizer que, mesmo morando em um bairro pobre, pode fazer as atividades comuns a todos os jovens. Porém gera incoerência, pois não é possível fazer todas as atividades sempre, como idas ao cinema, shows, etc.

Outro aspecto relevante é que 9 jovens costumam frequentar praças, seja no próprio bairro ou em outros. Foram citadas as praças São Salvador, São Benedito, Liceu, Parque Bandeirantes, Novo Mundo, entre outras. Este dado pode indicar que a cidade oferece praças bem estruturadas, que podem ser utilizadas para lazer das diversas classes sociais.

Assim, ao partimos da compreensão de que os jovens circulam pela cidade para satisfazer suas necessidades de sobrevivência, é possível perceber – tendo como referências os dados apresentados nos itens anteriores – que o local onde eles residem interfere na forma de circulação pela cidade. Os jovens residentes na Penha e Custodópolis necessitam sair do bairro com grande frequência para ter acesso à educação, saúde, lazer e trabalho.

Porém, o fato de os jovens pobres circularem de maneira intensa pela cidade, não lhes permite uma apropriação real da cidade, pois eles esbarram em situações complexas, em que destacamos duas que foram percebíveis durante as entrevistas. A primeira situação diz respeito a uma restrição real da liberdade de circulação, pois residindo nos bairros mais periféricos demarcados pelo tráfico de drogas, seus moradores estão impedidos de circular em outros. Como se percebe na fala das jovens C. e R. residentes em Custodópolis.

Evito de ir na baixada do Rottari, na Farofa (que é um lugar onde as pessoas vão para dançar) e na favela da Tira Gosto e Baleeira, por causa da violência e do auto consumo de drogas e por que quem mora no beco não pode ir na baixada por causa de rinchas entre facções.

Outro aspecto que impede a circulação dos jovens pela cidade é a insegurança gerada pela violência nas suas diferentes manifestações. Cabe destacar que para os jovens moradores da Penha, a região de Guarus, onde está localizado o bairro de Custodópolis, é um lugar em que evitam ir.

Evitamos de ir em Guarus por ser perigoso e tem muitos assaltos. (R. e L. – Penha)

Por fim, é preciso considerar a situação financeira dos jovens pobres, a qual impede que estes tenham condições de frequentar com maior intensidade as opções de lazer que na teoria deveriam ser para todos.

Nesse sentido, é possível compreender, como Milton Santos (1993), que a cidade vai se transformando “em um palco de injustiças e desigualdades”, onde aqueles que possuem melhores condições econômicas têm mais oportunidades de utilizar os benefícios que a cidade oferece, como se fosse uma pequena cidade.

Faz-se então necessário garantir o circular pela cidade, pois ela se configura como ponto de partida para o conhecimento e a ocupação da mesma. Através do perambular pelas ruas os jovens podem tornar conhecido, o espaço que até então era desconhecido e romper com a guetificação na qual estão inseridos que restringem as oportunidades de ver, conhecer e ocupar a cidade.

4. Considerações finais

A partir das falas dos jovens foi possível perceber que a juventude não pode ser compreendida de forma unilateral, pois não é vivida da mesma maneira por todos. A experiência da juventude está condicionada à classe social, ao acesso aos bens públicos e culturais, bem como ao local de moradia.

Os jovens estudados possuem um perfil socioeconômico diverso, mas têm em comum o precário acesso aos serviços sociais básicos, como educação, profissionalização e saneamento básico, em função do seu local de moradia.

Morar em um bairro periférico significa vivenciar de forma intensa, as refrações da questão social geradas pelo capitalismo contemporâneo. Desta forma, esta dinâmica sócio espacial interfere nas experiências socioculturais e nas interações que os jovens realizam com o outro e com as instituições.

A circulação pela cidade também é restrita em alguns aspectos, pois como foi possível perceber, os jovens moradores de Custodópolis e Penha têm o seu circular limitado, pela presença das facções criminosas rivais. Ao mesmo, esses jovens veem a necessidade de circular por determinados lugares, pelo fato do bairro não oferecer todos os serviços necessários à vida cotidiana de seus moradores, em especial, aqueles equipamentos relacionados ao lazer. Desta forma, a apropriação da cidade é cada vez mais funcional.

A partir destas considerações é que se torna importante refletir sobre o direito à cidade. Para Piñon (2007) o direito a cidade pressupõe refletir sobre o sentido de pertencimento a ela e o que ela reserva às novas gerações.

Nas sociedades modernas, o primeiro sentido de direito a cidade é o da “cidade como um lugar de direito”, em que a análise remetia à constituição dos direitos individuais (de ir e vir, liberdade, direito a associação, etc.). Assim, para Piñon, o direito a cidade aparecia como condição para a realização dos demais direitos. “Ter direito a cidade significa, portanto a reivindicação do direito ao direito, o acesso e a participação e uma sociedade contratual e a tudo que ela possa possibilitar na vida urbana” (PIÑON, 2007, p.5).

O segundo sentido de direito a cidade é relacionado a reivindicação, pelo indivíduo, dos recursos necessários ao pleno desenvolvimento do sujeito. Neste sentido, a cidade precisa proporcionar todos os meios para que a vida nela se reproduza e por isso, o indivíduo deve ter direito sobre todos os dispositivos territoriais necessários ao bom funcionamento da cidade.

Em suma, ter direito à cidade significa, portanto, nesse segundo sentido, o direito à participação nos valores – bens públicos, patrimônio e serviços – tanto aqueles que são desigualmente distribuídos pelo mercado, quanto àqueles que são gestados pelo poder público e que são de vital importância para assegurar o bem estar de seus moradores. Incluem-se aí, os valores simbólicos - culturais artísticos e estéticos - os valores de uso da cidade e seu preço como bem coletivo. (PIÑON, 2007, p.7).

Essa garantia de direito a cidade é fundamental para que os jovens, principalmente os pobres, tenham condições de se desenvolver plenamente.

Assim, acreditamos como Mattoso (2010) que a partir da apreensão do mundo, os jovens, ao perceberem as distâncias sociais, possam desenvolver uma ação política que garanta o direito de cidadania, através do direito à cidade.

5. Referências bibliográficas

CASSAB, Clarice. (Re) **Construir utopias: jovem, cidade e política**. Tese de doutorado. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

CASSAB, Maria A. T. **Jovens pobres e o futuro**: a construção da subjetividade na instabilidade e na incerteza. Niterói: Intertexto, 2001.

CRUZ, José Luiz Vianna da (Org.); ARAÚJO, Tânia Bacelar de; SCHREIBER, Waltraud Maria et al. **Brasil, o desafio da diversidade**: experiências de desenvolvimento regional. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005. 288 PII.

GRUPO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA E ESTUDO EM COTIDIANO E SAÚDE. *Diagnóstico Preliminar Cidade de Palha*. Universidade Federal Fluminense. 2010

LIMA, Hildeny Raposo da Silva; PONTES Regina Célia Pacheco; DAMASCENO, Irecy dos Santos Silva. **O Projovem Trabalhador Como Possibilidade de Nova Organização Econômica**: Um Estudo de Caso No Município de Campos dos Goytacazes-RJ. Disponível em: <<http://www.metodista.br/.../artigos/.../o-projovem-trabalhador-lidiane-silva.pdf>>. Acesso em 23 agosto 2011.

MATTOSO, Francinelly A. **Dinâmicas sócio-espaciais e as experiências dos jovens na cidade desigual**. *Revista Libertas*. Juiz de Fora. V. 4, n. 2, julho de 2010. Disponível em: <<http://www.revistalibertas.uff.br/volumes.html>>. Acesso em 13 setembro de 2010.

PIÑON, M. de O. **A favela e a utopia do direito à cidade no Rio de Janeiro**. In: IX Colóquio Internacional de Geocrítica: Los problemas del mundo actual – soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales. Porto Alegre, 2007. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24534.htm>> Acesso em 23 setembro de 2010.

SANTOS, M. Guerra dos lugares. In: **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. 8/8/1999.

_____. **O Espaço do cidadão**. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1993.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. É possível uma política urbana contra a exclusão? **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, ano XXIII, n. 72, nov. 2002. p. 53-61.